

BENZEDEIRAS E SABERES QUE CURAM: folkcomunicação e cultura popular no contexto de saúde em Borba/Am¹

Adelson da Costa Fernando²
Raimundo dos Santos Machado Neto³
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão interdisciplinar sobre o papel das benzedeiras de Borba/Am como agentes folkcomunicacionais no contexto de saúde popular. Ao longo da história brasileira, as práticas de benzeção se consolidaram como formas legítimas de cuidado, enraizadas na oralidade, na religiosidade popular e nos saberes tradicionais. Com base nos aportes teóricos de Luiz Beltrão, José Marques de Melo, Paulo Freire, Nísia Trindade Lima, Mary Douglas e Vera D. Cardoso, o artigo explora o entrecruzamento entre comunicação, cultura popular e saúde comunitária. A dimensão empírica é abordada por meio da observação de experiências de valorização das benzedeiras na cidade de Borba, no Amazonas. Constatou-se que as benzedeiras operam como mediadoras simbólicas entre fé, cuidado e comunicação, sendo fundamentais para uma compreensão plural dos sistemas de saúde e dos processos comunicacionais populares.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeiras; Folkcomunicação; Saúde popular; Cultura tradicional; Saberes locais.

INTRODUÇÃO

Muito além de práticas religiosas ou supersticiosas, a benzeção é uma forma complexa de comunicação simbólica e cuidado integral, enraizada em comunidades rurais e urbanas periféricas. Este artigo parte do entendimento de que as benzedeiras são, também, comunicadoras populares, que articulam linguagem, fé, afetividade e tradição em contextos de saúde coletiva. No campo da comunicação, essa prática se insere na tradição da folkcomunicação, conceito elaborado por Luiz Beltrão (1967) para descrever os modos comunicacionais dos grupos populares. A proposta é discutir as benzedeiras como agentes de mediação simbólica e cuidado, situadas entre a cultura popular e os sistemas formais de saúde, atuando como elo entre o sagrado, o corpo e a comunidade.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT13NO - Folkcomunicação, Mídia, Cultura Popular e Cultura Underground, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo do ICSEZ/UFAM e do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM, Pós-doutorando em Jornalismo UEPG/PR, email: acostaf@ufam.edu.br

³ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, email: neto72machado@gmail.com

1. Folkcomunicação: cultura popular, religiosidade e saberes tradicionais

Luiz Beltrão (1967) definiu a folkcomunicação como o “conjunto de práticas comunicacionais utilizadas pelas camadas populares para informar, persuadir ou entreter seus semelhantes por meio de canais não institucionalizados, como festas, ritos, provérbios, canções, e a própria oralidade”. “A folkcomunicação é o modo pelo qual o povo comunica seus saberes, organiza seus sentimentos e compartilha experiências vitais” (Beltrão, 1967, p. 22). José Marques de Melo (2010) amplia a concepção de Beltrão ao destacar a folkcomunicação como forma de resistência cultural diante dos sistemas de comunicação massivos, propondo sua atualização no contexto digital e das comunidades urbanas.

Como veremos a seguir, no caso das benzedeiras de Borba/Am, essa comunicação se expressa em palavras rituais, gestos simbólicos, práticas coletivas e saberes empíricos, que resistem ao apagamento epistêmico imposto pela biomedicina ocidental e pelos meios de comunicação hegemônicos.

A cultura popular é um espaço de construção simbólica coletiva. Segundo Raymond Williams (1979), trata-se de um modo de vida, que se manifesta em práticas sociais cotidianas e nas formas de resistência simbólica aos poderes instituídos. As práticas de benzeção, ligadas à religiosidade católica popular, ao sincretismo e aos saberes indígenas e africanos, integram o que Stuart Hall (2003) chama de cultura viva, ou seja, cultura em movimento, constantemente ressignificada nas dinâmicas sociais. As benzedeiras, portanto, estão situadas em um lugar de fronteira epistêmica (Santos, 2007): entre o religioso e o terapêutico, o tradicional e o contemporâneo, o invisível e o concreto. Elas comunicam saúde por meio de símbolos, palavras, plantas, fé e acolhimento.

2. Benzedeiras de Borba/Am: entre saberes e comunicação popular

Na definição de Loyola (1983, p. 24), as benzedeiras são profissionais de cura cuja técnica essencial de trabalho é a benção, a benzeção, o benzimento, seja através da possessão, seja através de invocação de entidades associadas ao domínio do sagrado e reconhecidas como adequadas a esse fim. Mesmo que operem outros recursos de cura da natureza (receitas, banhos, massagens), o que as caracterizam é que elas se reconhecem enquanto agentes situadas entre a religião e a medicina popular (ou só de religião), cujo

ato básico de cura provém do exercício da benção: benzeção, imposição de mãos, benzimento, passes: formas de expressão folkcomunicaçãois.

A folkcomunicação, teoria criada por Luiz Beltrão (1918-1986), é um campo de estudo brasileiro que investiga os meios e agentes populares de comunicação, buscando compreender como essas formas de comunicação influenciam no cotidiano das comunidades, impactando na formação de identidades culturais, no fortalecimento de laços sociais, na transmissão de conhecimento e na expressão de sentimentos e valores coletivos. Beltrão (1980) identificou que os grupos marginalizados do sistema de comunicação oficial, a exemplo das benzedeiras, desenvolvem seus próprios métodos e meios para criar e transmitir mensagens, baseados em suas experiências e necessidades diárias. Esses processos formam um sistema complexo de comunicação alternativa que reflete a realidade vivida, principalmente em comunidades tradicionais.

A transmissão de mensagens populares, conforme observou Beltrão (1980), é predominantemente folclórica. O folclore, neste contexto, é visto como um vasto depósito de conhecimento popular, que é continuamente renovado e adaptado dentro do panorama social. Schmidt (2008), afirma que essa produção de conhecimento está intimamente ligada ao cotidiano, abrangendo diversos aspectos da vida diária, como espaços físicos, simbólicos e imaginários, especialmente no âmbito da cultura popular.

A benzeção, portanto, é uma celebração da palavra como um instrumento de cura e transformação. É um ritual que une a comunidade, fortalecendo os laços sociais através da partilha de esperanças, fé e orações. A oralidade não é apenas uma forma de comunicação, mas um ato de criação, onde a benzedeira, através de sua habilidade e intuição, invoca forças invisíveis para o bem-estar e a prosperidade de todos, atuando de fato como agente popular de cura.

Lévi-Strauss (1975) destaca neste contexto, a reza de cura é mais que uma sequência de palavras ou uma fórmula recitada mecanicamente. É um ritual que une o visível e o invisível, o material e o espiritual. Aqui, a palavra é mais do que som; é intenção, é desejo, fé. A eficácia da fé, segundo essa perspectiva, não reside somente em seus métodos ou rituais, mas também na interação entre a crença do praticante, a crença dos indivíduos afetados e as crenças coletivas da comunidade. Essa interação cria um contexto em que a magia pode ter um efeito psicológico e social real, mesmo que seus

mecanismos não sejam explicáveis pela ciência convencional (Lévi-Strauss, 1975, p. 194).

As benzedeiras de Borba-Am, embora acusadas de exercício ilegal da medicina, continuaram suas atividades com o apoio das comunidades. No contexto desses conflitos, elas passaram a ocupar um espaço social periférico; no dizer de Beltrão (1967), são grupos marginalizados culturalmente e enquanto a posição central ficou sob o controle das práticas médicas oficiais e institucionalizadas (Santos, 1995).

A reza, como um dispositivo folkcomunicativo, é o principal elemento da cura das benzedeiras, onde a força das palavras, juntamente à fé, livra os indivíduos enfermos do mal, distanciando-os naturalmente e equilibrando o corpo e a alma (Quintana, 1999). Em Borba-Am, um município de rica diversidade cultural, as benzedeiras não são apenas agentes populares no processo de cura; elas representam símbolos da continuidade de um sistema de saberes tradicionais que se mantém resiliente diante das pressões do desenvolvimento moderno e da racionalidade instrumental da ciência; atuam como mediadoras entre o mundo visível e um poder místico, recriando o espaço-tempo para integrar a experiência espiritual à vida prática das comunidades.

As benzedeiras não apenas cuidam: elas comunicam saúde por meio de narrativas, símbolos, toques e rituais. Estão inseridas num processo comunicacional complexo, onde o corpo, o sagrado e a coletividade se entrelaçam. Essas práticas configuram o que Paulo Freire (1987) chamaria de saberes do chão, saberes forjados na experiência concreta do povo e transmitidos por meio da oralidade, do afeto e do reconhecimento mútuo. “É preciso valorizar o saber popular não como curiosidade, mas como parte legítima da construção da consciência e da autonomia” (Freire, 1987, p. 45). As benzedeiras são, portanto, agentes folkcomunicadoras e comunicadoras populares, pois seus gestos comunicam mais do que palavras: transmitem fé, acolhimento, ancestralidade, resistência e pertencimento.

3. Saúde popular e os serviços de atenção básica de saúde: o cuidado como comunicação

As práticas de benzeção nas comunidades rurais amazônicas representam formas tradicionais de cuidado que ultrapassam as dimensões puramente espirituais. Essas práticas estão integradas às rotinas de cuidado cotidiano na região e ocupam um lugar de destaque no sistema de saúde local. Mais do que rituais religiosos, a benzeção reflete um

conhecimento ancestral que dialoga com os desafios de saúde das populações amazônicas.

A relação entre a benzeção e a atenção primária à saúde pode ser entendida como uma interconexão entre práticas tradicionais e o cuidado biomédico moderno. Essa interseção, que entrelaça o sagrado e o profano, cria uma abordagem plural para o cuidado da saúde. Segundo Eliade (1992), a convivência entre essas dimensões revela caminhos alternativos para enfrentar as demandas de saúde em contextos em que o acesso a esses serviços formais, é limitado.

Em Borba-Am, no campo da saúde, e em meio a essa pluralidade, as benzedeiras se destacam como uma interface de resistência e adaptacionismo cultural. Nas palavras de Galvão (1976), a vida religiosa em comunidades tradicionais é uma confluência entre práticas formais e informais. As benzedeiras no exercício de seus dons, manifestam essa dualidade incorporando características de cura espiritual juntamente com a prática da medicina popular; elas desempenham um papel fundamental como uma alternativa para a promoção do bem-estar comunitário, especialmente no campo da saúde; elas expressam um conjunto de saberes que une elementos de cura espiritual e medicina popular, mostrando como o conhecimento tradicional pode ser adaptado para responder às novas realidades sociais, sem perder sua essência. Essa prática configura uma forma de resistência à modernidade e à lógica racional, que por vezes, ainda marginalizam os saberes tradicionais.

Esses saberes, que por séculos se firmaram como dinâmicas sociais, culturais e espirituais na vida da população, continuam marginalizados nos debates formais sobre saúde pública. É urgente avançar na construção de políticas que, além de reconhecer a importância desses conhecimentos, promova também sua articulação com os serviços de saúde, especialmente em regiões com desafios geográficos sociais e econômicos tão significativos, como é o caso de Borba-Am.

A noção de saúde popular está presente nas políticas públicas brasileiras desde os anos 1980, com o movimento da Reforma Sanitária. Nísia Trindade Lima (2005) aponta que os saberes populares são constituintes da saúde coletiva brasileira, especialmente em comunidades rurais, quilombolas e ribeirinhas. “A medicina popular não é um resíduo do passado, mas uma forma ativa de cuidado e organização simbólica da saúde” (Lima, 2005, p. 132). Benzedeiras, parteiras, raizeiros e curandeiros integram essa lógica, muitas vezes

invisibilizada nos sistemas oficiais, mas de fundamental importância no cotidiano das populações vulneráveis. Para Mary Douglas (2003), os rituais de cura são formas de comunicação simbólica que reorganizam o corpo e a mente segundo uma lógica cultural própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As benzedeiras representam uma forma ancestral e atual de comunicação simbólica e cuidado em saúde. Inseridas na tradição da cultura popular e da folkcomunicação, suas práticas desafiam a racionalidade biomédica dominante e reivindicam o reconhecimento de saberes plurais, afetivos e espirituais no campo da saúde. Ao observar as benzedeiras como comunicadoras populares, compreende-se que a saúde não se limita a diagnósticos e prescrições, mas envolve relações de sentido, confiança, identidade e território. Reafirmar o valor das benzedeiras é afirmar que a comunicação em saúde precisa ser dialógica, intercultural e aberta à escuta do outro. Em tempos de tecnocracia e desumanização do cuidado, as práticas das benzedeiras nos lembram que curar também é comunicar.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes de comunicação popular. São Paulo: Paulinas, 1967.
- BELTRÃO, Luís. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados / Luís Beltrão. São Paulo: Cortez, 1980.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília-DF, 1976.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LOYOLA, Maria Andréa. Médicos e curandeiros: conflito social e saúde. São Paulo: Fidel Ed., 1983.
- MELO, José Marques de. Comunicação e cultura popular: a trajetória da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2010.
- QUINTANA, Alberto Manuel. A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru: EDUSC, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.
- SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina. Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Edição bimestral: nov/dez. 2008.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.